

JERÔNIMO DE ESTRIDÃO: ASCETA, EXEGETA E CONTROVERSO

Fabiano de Souza Coelho¹

Resumo: Jerônimo de Estridão (347-420 E.C.), retórico católico, figura muito importante para as manifestações religiosas cristãs no Império Romano na Antiguidade Tardia e de épocas futuras. Foi um ascético e profundo conhecedor dos textos sagrados dos cristãos. Nesse trabalho pode-se entender um pouco melhor o percurso biográfico do monge Jerônimo, sua respectiva carreira como religioso cristão, intelectual e polêmico.

Palavras-chave: Jerônimo; monge; cristãos.

Abstract: Jerome of Stridon (347-420 CE), catholic rhetoric, very importante person for Christian religious manifestations in the Roman Empire in Late Antiquity and future times. He was an ascetic and profound connoisseur of the sacred texts of Christians. In this work we can understand the biographical journey of the monk Jerome, his respective career as a Christian, intellectual and controversial religious.

Key-words: Jerome; monk; christian.

Jerônimo – *Eusebius Hieronymus*, em latim –, provavelmente, nasceu na década dos anos 340 E.C.², na pequena cidade de Estridão, limite entre as províncias romanas de Dalmácia e Panônia, região hoje da atual Eslovênia, sendo essa cidade destruída pelos godos em torno do ano 376.

Paralelo a isso, o monge Jerônimo viveu inserido em um contexto de transformações sociais, religiosas e políticas, em torno do Cristianismo e Império Romano, no decorrer do século IV e início do V.

De fato, esse Padre da Igreja se distinguiu dos demais Pais do Ocidente pela experiência prática monástica que teve no Oriente e, devido ao seu contato, pelo domínio de línguas não latinas, como o grego, um pouco de copta e do hebraico, e pelo profundo estudo dos textos bíblicos. Com isso, Jerônimo foi um pertinaz defensor da renúncia

¹ Doutor em História Comparada (PPGHC/IH/UFRJ), orientado pelo Prof. Dr. André Leonardo Chevitarese; e-mail: fabiano.souza23@gmail.com.

² Todas as datas desse trabalho são da Era Comum (E.C), salvo quando expresse em contrário.

sexual cristã e teve acesso direto a uma gama de obras nessas outras línguas, relevantes para os Cristianismos na Antiguidade Tardia³.

Jerônimo é muito conhecido na história do mundo ocidental cristão pelos seus trabalhos de tradução de textos da biblioteca grega e hebraica para língua latina, e, em particular, pela tradução dos textos bíblicos – a chamada Vulgata⁴. Ele se dedicou a uma vida monástica, ascética e exegética, influenciado pela escola de Orígenes⁵. Também, a cultura que esse Padre da Igreja possuía e comunicou foi um pouco diferente dos autores eclesiásticos latinos⁶ (DI BERARDINO, 2002: 747).

Não existe uma biografia precisa de Jerônimo e nem temos um biógrafo ou hagiografia sua. Para sabermos como foi sua vida, temos de nos reportar aos seus diversos escritos, em especial, às suas cartas (MORENO, 1986: 19-20). Nas obras e missivas de Jerônimo, encontramos, com certo estilo retórico, muitas passagens de suas experiências pessoais, religiosas, sociais, familiares, as controvérsias, amizades, doutrina e polêmicas.

Sobre a família de Jerônimo, temos as seguintes informações: Ele fazia parte de uma família cristã católica e rica. O seu pai se chamava Eusébio e não temos registro do

³ Optamos por fazer uso dessa expressão para definir esse período, pois nos consideramos um pesquisador mais próximo da Antiguidade do que do Medievo e acreditamos ser importante a reflexão feita por aqueles que defenderam esse conceito de Antiguidade Tardia ou *Late Antiquity*. De fato, os historiadores, durante muito tempo, reconstruíram esse período histórico o qualificando como uma época de declínio, queda, crise, ruína ou esgotamento e, com isso, existiu uma vasta produção historiográfica que apresentou essa posição pejorativa do Império Romano do Ocidente. Dessa forma, desde o século XV, temos uma reflexão sobre a parte final do Mundo Romano Antigo, a partir de obras clássicas latinas. Por conseguinte, pensou-se esse período de forma negativa e essa época foi considerada prelúdio da Idade Média entre o Mundo Antigo e o Renascimento ou Modernidade. Vários pensadores produziram uma literatura nessa perspectiva, no entanto, somente a partir do século XX, temos o surgimento de uma historiografia que refletiu esse período em outro âmbito, que não observou essa etapa de uma maneira negativa. Em suma, temos duas expressivas correntes historiográficas que refletiram esse período de transição da Antiguidade para o Medievo. Primeiro, aqueles que privilegiam os aspectos do mundo tardo antigo que se mantém na continuidade, relativizando as questões políticas e militares ante as mudanças lentas das mentalidades. Outros que defendem as continuidades estruturais com as tradições romanas anteriores, diminuindo o impacto da religião cristã sobre as evoluções da Antiguidade e enfatizando as rupturas, germânica, no século VI no Ocidente e islâmica, no século VII no Oriente (INGLEBERT, 2010: 967-970).

⁴ As traduções latinas existentes das *scripturae* (escritos) ou textos bíblicos antes de Jerônimo eram denominadas de *Vetus Latina* – Versão Latina Antiga. Acreditamos que Jerônimo e nenhum de seus contemporâneos tiveram contato com o livro da Bíblia da forma que está organizado nos dias atuais. A partir de Jerônimo, temos a tradução chamada *Vulgata*. Posto isso, Jerônimo foi considerado como único tradutor dessa última versão das Escrituras em língua latina. Entretanto, entende-se que esse monge não produziu esse trabalho sozinho, pois teve ajuda de um grupo de mulheres com formação linguística (FITZGERALD, 2001: 176; GÖSSMANN, 1996: 44).

⁵ Orígenes era de Alexandria, no Oriente Romano, e foi um personagem cristão simpatizante do movimento filosófico intitulado neoplatonismo. Foi um cristão austero e com um acurado espírito crítico. Usou suas habilidades intelectuais em prol da formação catequética cristã em Alexandria. Produziu múltiplas obras, realizou uma teologia especulativa, foi exegeta crítico (DI BERARDINO, 2002: 1045-1050), contudo muitas de suas ideias foram consideradas heterodoxa pela autoproclamada ortodoxia cristã católica.

⁶ Aqui podemos citar os bispos Agostinho de Hipona e Ambrósio de Milão.

nome de sua mãe; sabemos apenas que ele tinha uma irmã, com nome desconhecido, e um irmão que se chamava Pauliniano – ambos eram mais novos que Jerônimo. Desta feita, mesmo sendo de uma família cristã, isso não impediu que os genitores de Jerônimo lhe proporcionassem uma formação romana típica daquele tempo, como igualmente aconteceu com a maioria dos Padres da Igreja na Antiguidade cristã.

O pai de Jerônimo lhe oportunizou uma educação cara. Na cidade de Estridão, estudou o ensino primário, comum em vários lugares no Império Romano, entre seus seis e doze anos de idade. Realizou muitas leituras e escritas, a partir das técnicas de memorização e recitação de textos curtos. Igualmente nesse período, Jerônimo deve ter estudado as bases da aritmética (KELLY, 1975: 7-8).

A educação na sociedade romana na Antiguidade tinha como finalidade formar homens capacitados para ocuparem lugares sociais de prestígio. Ser instruído, nesse tempo, tinha um alto custo. Portanto, a educação não era para todos, mas somente para aqueles que tivessem condições materiais de financiá-la.

Depois de terminar os estudos primários na cidade de Estridão, Jerônimo foi enviado por seu genitor a Roma, para completar sua educação, no ano 360. Dessa forma, realizou os estudos de Gramática, uma espécie de ensino secundário. Nesse período de formação em Roma, Jerônimo adquiriu um significativo número de obras, formando já uma biblioteca pessoal, tendo assim, nessa etapa, contato com os autores clássicos romanos⁷ (MORENO, 1986: 22-23).

Seu genitor queria dar uma educação de qualidade, porque para ele somente nessa cidade a encontraria. Ao realizar seus estudos, Jerônimo poderia ter prestígio e também construir uma carreira política, com um bom cargo público. Junto com Jerônimo foi para Roma seu amigo íntimo, Bonoso, para o qual o pai tinha os mesmos objetivos da família de Jerônimo. Esses dois amigos foram formados por um dos mais célebres professores de gramática da daquela cidade, o famoso *Aelius Donatus* – Élio Donato⁸ (KELLY, 1975: 10-11).

Na cidade de Roma, pôde conhecer os melhores intelectuais do Império Romano, além de poder desfrutar de todos os deleites que uma cidade como essa poderia

⁷ Em geral, na sua formação em Gramática teve como base para as análises nas aulas e lições as obras de Ovídio, Marcial, Lucano, Tito Lívio, Virgílio, Terêncio, Horácio, Salústio e Cícero (MORENO, 1986: 23).

⁸ No decorrer da vida adulta de Jerônimo, ele sempre se lembrava de forma orgulhosa que tinha sido pupilo de Donato (KELLY, 1975: 10-11).

proporcionar a um jovem daquele tempo. Em Roma, pôde fazer um círculo de amizades em torno de seus interesses pessoais, pois tinha conhecido estudantes que, como ele, tinham as mesmas pretensões, ambições e objetivos intelectuais.

Jerônimo, em Roma, foi reconhecido como um jovem talentoso. Ele formou um grupo com quatro amigos íntimos, e, pelas fontes deixadas por Jerônimo de Estridão, sabemos que teve companheiros que se chamavam Pamáquio, Bonoso, Rufino e Heliodoro, todos de famílias romanas ricas (KELLY, 1975: 18-19; MORENO, 1986: 27). Dessa maneira, desde sua mocidade, Jerônimo foi um homem muito dedicado e determinado. No entanto, ele tinha temperamento austero e era muito polêmico. Essa característica pessoal certamente fez de Jerônimo uma pessoa que teve muitos adversários e inimizadas.

Jerônimo, depois de terminar os estudos secundários, iniciou os estudos de Retórica e teve uma educação típica romana, tendo contato com autores e oradores clássicos do Império⁹. Além disso, nesse mesmo período, teve contato com a filosofia e a língua grega, pois eram utilizadas esporadicamente em algumas lições nas aulas de Gramática e Retórica (MORENO, 1986: 22-26).

Para Paul Veyne, constitui estranho erro acreditar que a instituição escolar no mundo Romano Antigo se explica, através dos séculos, pela função de formar o homem ou, ao contrário, adaptá-lo à sociedade. Não obstante, pelo contrário, em Roma, não se ensinavam matérias formadoras nem utilitárias, e sim prestigiosas e, acima de tudo, a retórica (VEYNE, 2009: 31).

A formação que Jerônimo teve em Roma ajudou na solidificação de sua crença na religião cristã. O período de estudos nessa cidade deixou marcas profundas nele, que se considerava um romano. Recebeu, nesse período, o batismo junto à Igreja de Roma (MORENO, 1986: 27-28). Em Roma, permaneceu até em torno do ano 367, quando completou 20 anos. Seus estudos tiveram como base os autores romanos latinos, em particular os escritos de Cícero (CASQUEIRO; CELESTINO, 2009: 18-19).

Jerônimo, depois desse período de formação, voltou-se para o Oriente, no anseio de conhecer melhor a experiência religiosa sobre a qual tinha lido em obras de biografias dos Padres do Deserto. Destarte, aproximou-se de forma direta do monasticismo e

⁹ Especialmente, modelos extraídos das obras de Marco Fábio Quintiliano e Marco Túlio Cícero (MORENO, 1986: 23).

ascetismo Oriental em Tréveris, junto com a corte imperial, influenciado pela espiritualidade de Atanásio¹⁰ (DI BERARDINO, 2002: 747).

Além disso, na Síria, próximo à cidade de Antioquia, a experiência vivida por Jerônimo no deserto de Cálcis o transformou em um monge. Ele se manteve nessa região de dois a três anos. Exercitou a ascese, rompendo com a vida tida como mundana, lutou contra os impulsos sexuais e imaginações supérfluas, praticou a contemplação e os estudos de textos cristãos e da língua hebraica – provavelmente levou exemplares de sua biblioteca para o deserto (KELLY, 1975: 46-48).

Numa carta para a virgem Eustóquia, o monge Jerônimo relatou que quando esteve na região do deserto de Cálcis teve um sonho que ajudou a confirmar sua adesão ao Cristianismo e a dedicação aos textos das Escrituras. Descreveu o monge de Estridão, nestes termos, nessa carta sobre o sonho que teve no deserto:

[...] Por amor ao reino dos céus tinha me separado de minha casa, genitores, irmãos, parentes e, o que mais me foi caro, tinha me acostumado a comer com muitas regalias e, antes de entrar na milícia, empreendi uma viagem para Jerusalém. Mas não podia me desprender da minha biblioteca que, com extrema diligência e trabalho, havia organizado em Roma. Assim, pobre de mim, até deixava de comer para me dedicar à leitura de Túlio. Nem minhas longas vigílias noturnas nem minhas sinceras lágrimas pelos pecados me impediam de, ato contínuo, tomar Plauto nas mãos. Voltava-se a razão e decidia ler um dos profetas, eu me enfasiava com seu estilo mal lapidado e, por causa de minha cegueira, não conseguia descobrir sua luminosidade. Assim se divertia comigo a antiga serpente quando, por volta de meados da quaresma, apoderou-se de meu corpo exausto uma febre abrasadora que acabou de me deixar pele e osso. Os que me rodeavam, percebendo meu corpo gelado, embora ainda restasse alguma vida no interior, já começavam a preparar as minhas exéquias. Nesse estado, senti de repente que alguém me arrebatava em espírito e levava-me ao tribunal do juiz. Havia ali tanta claridade, era tão forte o resplendor de todos os presentes, que eu jogado no chão, não me atrevia a levantar os olhos. Interrogado sobre minha condição, respondi que era cristão. Dessa maneira, disse-me o que estava sentado, és ciceroniano e não cristão. *Onde está teu tesouro ali está seu coração (Mateus 6, 21)*. E ordenou que me açoitasse. Embora muito fizesse sofrer os açoites, atormentava-me ainda mais a queimação de minha consciência, considerando dentro de mim aquele versículo: *quem vos glorificará na habitação dos mortos (Salmo 6, 6)*. E comecei a pedir indulgência entre gritos e lágrimas: *tem compaixão de mim, Senhor, tem compaixão de mim (Salmo 56, 2)*. Esses gritos ressoavam entre os açoites. Finalmente, os espectadores, de joelhos diante do presidente pediram

¹⁰ A obra de Atanásio sobre a vida de Antônio (Antão), o Eremita do Egito, influenciou muitas comunidades e/ou grupos religiosos cristãos na implantação da vida monástica e ascética. Antônio foi tido com um dos iniciadores do monasticismo (DI BERARDINO, 2002: 120).

clemência para mim em vista de minha juventude, tempo para que eu pudesse expiar os meus erros e, caso voltasse a ler os escritos de letras gentílicas, teria que sofrer o castigo. Eu, que em tão angustiante transe estava disposto a fazer as maiores promessas, comecei a jurar em seu nome que não voltaria a ler livros seculares e a dizer que ele me considerasse perjúrio e renegado se eu não cumprisse a minha promessa. A fé desse juramento me soltou e voltei à região dos viventes. Abri os olhos com admiração de todos, banhados com a chuva de minhas lágrimas, por minha dor, até os incrédulos acreditaram naquilo que tinha acontecido. Aquilo não foi um letargo nem um desses sonhos que amiúde enganam. Tomo por testemunha aquele tribunal, diante do qual estive prostrado, e o julgamento que tanto me fez temer e que, espero, não se repita. Sai daquele lugar com as costas arroxeadas e, depois de acordar, continuei a sentir a dor dos golpes. Dali por diante, apaixonei-me pelos livros divinos como nunca o fizera pela leitura dos profanos [...] (JERÓNIMO, *Carta*, 22, 30).

Observamos que Jerônimo utilizou argumentos retóricos para convencer essa religiosa cristã a ter uma profunda dedicação pelos estudos dos textos bíblicos. Entretanto, na realidade, ele não foi muito fiel a essa promessa, porque em grande maioria de seus escritos posteriores vemos a predominância de elementos de uma literatura não cristã¹¹. Portanto, conforme atesta Francisco Moreno (1986: 36-37) que o sonho de Jerônimo, no qual foi pedido que deixasse os livros considerados profanos e a sua promessa para realizar tal intento, representou um recurso literário utilizado por esse Padre da Igreja.

Entre os anos de 374 a 380, então um monge, depois da experiência no deserto, Jerônimo esteve em Aquileia, Antioquia e Constantinopla, e, nesse período, foi ordenado sacerdote¹². Em Constantinopla, aprimorou seu conhecimento em grego, aproximando-se da literatura cristã escrita nessa língua. Em particular, teve contato com as obras e traduções atribuídas a Orígenes (KELLY, 1975: 72-76; FITZGERALD, 2001: 751-752).

Jerônimo, após renunciar ao cargo público romano, juntou-se a um grupo monástico em Aquileia – com Rufino, Bonosco, Cromácio, Heliodoro.¹³ Nesse período,

¹¹ Ao fazer uso de textos não cristãos, o monge Jerônimo tinha como finalidade convencer e persuadir seu público e levar a cabo a divulgação da religião cristã. Assim, citar outros textos era um mecanismo retórico, conforme atesta Juana Torres Prieto (2013: 90) quando o autor cristão fazia citações de obras de autores politeístas, tratava-se de um recurso retórico para demonstrar a proximidade do pensamento filosófico com o conjunto de ideias cristãs.

¹² Ao estar pela segunda vez em Antioquia, após deixar o deserto de Cálcis, Jerônimo foi persuadido para receber as ordens sacerdotais da congregação católica. Contudo, tinha preferência pela vida monástica e, mesmo ordenado, não exerceu as funções exigidas por esse ministério – permaneceu vivendo como um monge (MARROU, 1957: 36; KELLY, 1975: 58).

¹³ Todos esses personagens eram cristãos, de famílias ricas e que tinham afeições para experiência monástica e ascética cristã, junto com Jerônimo de Estridão compartilharam seus conhecimentos sobre as

recopiou para ele mesmo as obras clássicas de Tertuliano e Cipriano, formando uma biblioteca pessoal para ser usada nos momentos oportunos. Contudo, esse grupo em que Jerônimo se inseriu não teve apoio da comunidade católica local e, conseqüentemente, dispersou-se.

Nessa época, o mundo Oriental estava envolvido com as discussões em torno da controvérsia religiosa ligada às ideias difundidas pelo sacerdote de Alexandria, chamado Ário – a heterodoxia cristã intitulada de Arianismo¹⁴. Em 381, o monge Jerônimo participou das instruções do Primeiro Concílio de Constantinopla, no qual também foram deliberadas questões que tinham sido debatidas no Concílio de Niceia, em 325, em particular a condenação ariana.

De fato, a estada realizada por Jerônimo em diversas regiões do Oriente Romano foi muito proveitosa, porque ele pode ter contato e manter relações de amizade com inúmeras figuras ilustres do Império. Seu temperamento veemente austero fez dele uma pessoa com vínculos amistosos e conturbados (MARCOS SANCHEZ, 2017: 275).

A erudição do monge Jerônimo chamou atenção das autoridades eclesiásticas do Ocidente do Império. Com isso, novamente Jerônimo se aproximou da cidade de Roma na busca de apoio de líderes cristãos e de um público alvo para poder exercer seus trabalhos como monge e asceta. Destarte, na década dos anos 380, o bispo de Roma, Dâmaso, convidou o monge Jerônimo para auxiliar em um Sínodo na cidade de Roma e para trabalhos junto ao entendimento mais aprofundado das escrituras.

Jerônimo quando regressou para Roma, em finais do ano 382, foi acolhido por mulheres cristãs da alta sociedade romana. Nessa época, as mulheres que se convertiam ao Cristianismo transformavam suas mansões em locais de reflexão e discussão religiosa. Portanto, o interesse do monge Jerônimo pelas mulheres se ratificou quando ele ficou

renúncias praticadas por muitos monges do Mundo Oriental Romano. Especialmente, Jerônimo nutriu um profundo apreço por Bonoso, seu amigo de infância e de seu primeiro ciclo de estudos.

¹⁴ A tendência cristã ariana foi fundada pelo sacerdote Ário, pertencente a uma escola teológica em Alexandria, na primeira parte do quarto século. Fundamentado na doutrina trinitária de Orígenes, Ário pensava a divindade em três categorias individuais subsistentes – Pai, Filho e Espírito Santo –, diferentes entre elas e subordinadas uma à outra, embora pertencendo a uma única realidade transcendente. Para Ário, a divindade tinha criado o Filho – Jesus de Nazaré, a única criatura vinda diretamente do Pai. Porém considerou tal ato como unicamente uma criação – e, posteriormente, para ele, todo o restante da criação era obra direta do Filho pela vontade do Pai. Para essa experiência cristã, era muito improvável a divindade gerar um filho, porque, para Ário, se o divino não era um corpo, conseqüentemente não poderia ser composto, divisível. Em outras palavras, o Arianismo repudiava a proposição cristã católica de que Jesus de Nazaré era uma divindade, pois o considerado Cristo somente seria um ente mais perfeito criado pela divindade e não um deus (DI BERARDINO, 2002: 149-150).

durante três anos em Roma e teve contato com as damas cultas ricas, que faziam parte do círculo religioso de Aventino¹⁵ (MARCOS SANCHEZ, 1987: 238-239; MORENO, 1986: 61).

Assim posto, o grupo de mulheres que Jerônimo tutelou no Aventino, em Roma, era liderado pelas viúvas Marcela e Paula. Essas matronas cristãs pertenciam às famílias tradicionais que, por muitos anos, dominaram a sociedade romana. Não obstante, essas religiosas abandonaram a vida tida como mundana para abraçarem os valores ascéticos, a vida modesta, os estudos bíblicos e colocarem os seus bens materiais a serviço das comunidades cristãs.

Paralelo aos trabalhos de exegeta e tradutor bíblico, junto com o bispo de Roma, o monge Jerônimo exerceu a liderança espiritual sobre essas mulheres cristãs – viúvas, virgens e casadas continentais. Em meio a esse grupo feminino, Jerônimo pode difundir a experiência religiosa monástica do Oriente¹⁶ para as matronas romanas e, portanto, criou um vínculo íntimo de amizade com essas religiosas.

De acordo com María del Mar Marcos Sanchez (1986: 316), o ascetismo difundido pelo monge de Estridão era mais rigoroso do que aquelas correntes politeístas ascéticas de sua época, dado que todos os esforços do asceta deveria também estar associado a uma profunda vida religiosa, repúdio ao luxo e a riqueza.

Com isso, conforme nos apresenta Raúl Gonnzález Salinero (2011: 556), esse Padre da Igreja exigiu das suas discípulas de Aventino os seguintes sacrifícios para que essas alcançassem uma vida mais perfeita e religiosa: a renúncia às comodidades, austeridade, castidade, jejuns prolongados, reclusão, caridade com os pobres e necessitados, generosidade com os mestres. Além do mais, a singularidade desse tipo de ascetismo era a profunda dedicação ao estudo e exegese das Escrituras.

Essas damas da sociedade romana foram personagens de extrema relevância para a atividade monástica e ascética proposta por Jerônimo. Assim, essas religiosas consagradas colocaram as suas influências familiares e sociais a serviço dos

¹⁵ Na segunda metade do quarto século, a matrona Marcela transformou sua mansão em uma casa religiosa cristã. Em outras palavras, a sua residência na região de Aventino veio a se converter, de alguma maneira, em uma espécie de mosteiro para viúvas e virgens. Desta feita, essa experiência religiosa vivenciada pelas mulheres em Aventino foi uma forma primitiva de monaquismo feminino. Logo, por isso, fazemos uso dessa expressão de círculo de Aventino.

¹⁶ As ideias morais e ascetas de Jerônimo de Estridão foram fruto da influência de Orígenes e Tertuliano (BROWN, 1990: 309).

Cristianismos¹⁷. Além disso, bens materiais foram usados em benefício de seus objetivos junto à vida religiosa cristã. Portanto, essas mulheres foram patrocinadoras dos serviços e dos homens da comunidade católica, contribuindo para a experiência religiosa cristã.

Ainda, Jerônimo tinha uma conduta muito íntima com as mulheres da alta sociedade romana que buscavam viver uma vida monástica. Desta feita, ao ter muitas reuniões com essas religiosas em suas residências, em especial, com a viúva Paula, ele gradativamente se tornou impopular na cidade.

A situação do monge Jerônimo na cidade de Roma, compulsoriamente, foi mudada com fim do episcopado de Dâmaso. Ligado ao grupo desse bispo de Roma e com sua rigidez ascética, esse Padre da Igreja arrumou inimigos na cidade de Roma. Com a morte de Dâmaso, sua permanência na cidade ficou insustentável porque o novo bispo, Sirício, não ofereceu o mesmo apoio para Jerônimo, outrora dado por seu predecessor na comunidade católica romana (DI BERARDINO, 2002: 747).

Depois da morte de Dâmaso, ficou muito difícil para Jerônimo permanecer em Roma, pois era cotidianamente atacado por aqueles que queriam destruir seu trabalho junto às mulheres religiosas. Tanto Jerônimo como outros ascetas instalados em Roma não foram vistos com bons olhos, pois praticavam de forma rigorosa a mensagem cristã. Dessa maneira, essa oposição a Jerônimo existiu desde seu retorno à cidade de Roma, o que se agravou após a morte de Dâmaso e, por conseguinte, resultou num processo de expulsão desse monge da antiga capital do Império (GONNzáLEZ SALINERO, 2011: 560).

A respeito de sua condenação na cidade de Roma, em agosto de 385, o monge Jerônimo escreveu, na carta à virgem Asela, as seguintes palavras: “[...] Eles conseguiram me imputar a infâmia de um falso crime; mas eu sei que temos de chegar ao reino dos céus passando por boa e má fama” (JERÓNIMO, *Carta*, 45, 6).

¹⁷ Concordamos com André Leonardo Chevitarese (2011: 9), em sua obra *Cristianismos: questões e debates metodológicos*, que defendeu a tese de que as experiências religiosas são sempre plurais e, conseqüentemente, não existem apenas Cristianismo, Judaísmo, Islamismo etc no singular. Então, temos Cristianismos, Judaísmos, Islamismos etc no plural. Por isso, usamos nesse parágrafo a palavra Cristianismos, para expressar a pluralidade das experiências religiosas dentro da religião cristã. A título de exemplo, podemos elencar o Cristianismo de Paulo que era distinto do Cristianismo de Pedro – para o primeiro ser humano poderia ser batizado e, ao contrário, para o segundo, o fiel deveria ser adepto do Judaísmo para depois ser batizado e ser cristão. Assim, esses dois Cristianismos eram diferentes do Cristianismo de Montano do século II e do Cristianismo de Pelágio, no quarto século.

Jerônimo teve que deixar Roma e foi para o Oriente romano. Nessa região do Império, pôde conhecer melhor, como um peregrino, os locais considerados sagrados para os cristãos. Nessa nova jornada, pôde aprimorar seu conhecimento sobre os lugares que são relatados nos textos sagrados cristãos do Antigo e Novo Testamentos. Igualmente, a viúva Paula, sua filha Eustóquia e um grupo de mulheres religiosas acompanharam parte dessas viagens no Oriente¹⁸ e puderam aprofundar seus conhecimentos sobre os textos bíblicos com a tutela do monge Jerônimo. Visitaram o deserto egípcio e de Alexandria. Por fim, escolheram a cidade de Belém, na região da Judeia, para estabelecerem uma comunidade monástica.

Quando o grupo de Jerônimo se assentou em Belém, foram estruturadas a princípio duas comunidades monásticas provisórias: uma masculina e outra feminina. Com o passar dos anos, patrocinados com os recursos materiais da matrona Paula, foram construídos três edifícios – um para os homens, outro para Paula e suas companheiras e um terceiro para hospedar os peregrinos. A viúva Paula mandou construir cada prédio monástico próximo da Basílica que foi dedicada à Natividade de Jesus de Nazaré, construída a pedido de Helena, mãe de Constantino. Dessa forma, Paula, Jerônimo e Eustóquia, viveram nessa comunidade religiosa em Belém até as suas respectivas mortes¹⁹ (KELLY, 1975: 130-131; MORENO, 1986: 83).

A partir da cidade de Belém, o monge Jerônimo teve inúmeros correligionários, amigos e intermediários, tanto no mundo Oriental quanto no Ocidental do Império e, conseqüentemente, pode se envolver em debates em torno de querelas religiosas de seu tempo e, da mesma forma, pode difundir seus trabalhos. Em Belém, o monge de Estridão recebia notícias e remetia escritos, comentários bíblicos, tratados, cartas e obras para toda região do mundo Romano na Antiguidade Tardia. Com isso, esse Padre da Igreja pode entrar em polêmicas e debates existentes em torno dos Cristianismos.

De fato, nas décadas dos anos 380 e 390, o monge Jerônimo se destacou como um singular escritor do Cristianismo católico – um especialista da interpretação das escrituras e da prática ascética. O próprio Jerônimo considerava que fazia parte de uma lista de escritores notáveis. Portanto, o monge de Estridão produziu trabalhos de diversos

¹⁸ A peregrinação aos lugares sagrados cristãos foi uma prática ascética muito comum no decorrer do quarto século. Desde a época de Constantino, temos registro de damas da alta sociedade romana que fizeram viagens ao Oriente e visitaram a chamada terra santa (GUILLEM, 2000: 98).

¹⁹ Paula morreu no ano 404, Jerônimo morreu em setembro de 419 e Eustóquia morreu em 419 (CASQUEIRO; CELESTINO, 2009: 17; DI BERARDINO, 2002: 178).

gêneros: epistolar, obras históricas, biográficos, tratados polêmicos, traduções, comentários bíblicos (HUNTER, 2003: 463; TORRES PRIETO, 2009: 52).

Outrossim, por ser austero e rígido, o monge Jerônimo sentia-se insultado quando era contrariado e, por isso, envolveu-se em debates religiosos e fez uso de sua formação romana clássica e conhecimento bíblico como instrumento para combater as teses ou conjunto de ideias que considerava contraditórias.

Jerônimo de Estridão foi um polemista e interveio em, pelo menos, sete debates, sobre os quais foram produzidas obras que defendiam seu ponto de vista. Dessa maneira, o monge de Estridão escreveu o *Altercatio Luciferiani et Orthodoxi*, possivelmente entre finais de 379 e início de 380. Entre os anos 383 e 384, foi produzida a obra *Adversus Helvidium*. Na parte final de 392 ou começo de 393, foram elaborados os livros *Adversus Jovinianum*. Em finais do ano 396, foi escrita *Contra Joannem Hierosolymitanum*. No ano 402, foram redigidos *Contra Rufinum* e *Epistola Adversus Rufinum*. Em 406, foi composto *Contra Vigilantium*. Finalmente, entre finais de 415 e princípio de 416, foi organizado *Dialogus Adversus Pelagianos* (CASQUEIRO; CELESTINO, 2009: 33-98; MORENO, 1986: 144).

Como demonstrado acima neste trabalho, a defesa da virgindade e da vida monástica foi dirigida por Jerônimo de Estridão, em primeiro lugar, contra Helvídio²⁰ e depois, nos dois livros, contra Joviniano. Mais tarde, a controvérsia origenista ofereceu ocasião de duas obras – a *Contra João de Jerusalém* e *Contra Rufino*. Finalmente, na velhice, abordou, de igual maneira, o monaquismo nas obras contra Vigilância e contra os Pelagianos (DI BERARDINO, 2002: 747-749).

Antes que o bispo Agostinho combatesse os pelagianos²¹ e nos últimos anos de sua vida, o monge de Estridão já tinha mostrado sua oposição às doutrinas defendidas pelo monge Pelágio.

Dessa maneira, apesar de divergências existentes em algumas correspondências entre Agostinho e Jerônimo, esses dois entraram em consenso a respeito da controvérsia pelagiana. Portanto, Jerônimo reconheceu que Agostinho fez uma consistente refutação a

²⁰ Nessa obra, foi defendida a virgindade de Maria, mãe de Jesus, e apresentadas inúmeras vantagens do estado de vida virginal, que era tida por Jerônimo como superior ao matrimônio (MORENO, 1986: 51-52; SALISBURY, 2002: 118-119).

²¹ Pelagianismo foi a doutrina do monge Pelágio, uma experiência cristã particular, a qual tinha uma visão otimista acerca da natureza humana e sua capacidade moral.

Pelágio e contribuiu no combate a essa tendência tida como heterodoxia²² com a sua obra chamada, *Dialogus Adversus Pelagianus* (FITZGERALD, 2001: 754).

Algumas considerações finais

No presente artigo propomos algumas ponderações em torno do personagem da Patrística cristã, Jerônimo de Estridão – relevante para seu tempo e para épocas ulteriores. Assim, abordamos brevemente o percurso histórico trilhado por esse autor cristão, suas relações com querelas religiosas polêmicas na Antiguidade Tardia. De modo igual, refletimos a respeito de como foi o seu engendramento no movimento ascético e, mormente, na comunidade cristã católica.

Jerônimo foi um romano instruído e que interligou de uma maneira apurada a cultura clássica com a visão religiosa cristã ascética. Teve uma vasta produção literária – tratados, biografias, epístolas, comentários bíblicos e textos conflituosos. Em particular, no campo da exegese e tradução dos textos judaico-cristãos do Antigo e Novo Testamento.

Outrossim, observamos que a estadia realizada por Jerônimo em diversas regiões do Oriente Romano foi muito proveitosa, porque pode ter contato e manter relações de amizade com inúmeras figuras ilustres do Império. No entanto, por seu temperamento veemente austero fez dele uma pessoa com vínculos amistosos e conturbados.

Finalmente, podemos caracterizar, Jerônimo como um monge polêmico, continente, intelectual, com um comportamento austero, que vivia em comunidade e, por causa disso, considerava-se superior às demais pessoas que não praticavam o ascetismo e uma vida de renúncia.

Referências Bibliográficas

²² O *concilium Africanum* de Cartago, em 418, condenou categoricamente o Pelagianismo como heterodoxia. Assim, o bispo de Roma, Zósimo, exigiu que todos os bispos católicos aderissem aos cânones desse Concílio (CASQUEIRO; CELESTINO, 2009: 96). No entanto, mesmo o Pelagianismo condenado pelas autoridades eclesiásticas de diferentes regiões do Ocidente, em especial, por Zósimo, entre os bispos italianos, tivemos Juliano de Eclano, que liderou a defesa da controvérsia religiosa condenada e com pertinácia contra-atacou o bispo Agostinho. Durante doze anos, observou-se a troca de ataques e defesas, réplicas e trélicas entre esses dois religiosos (DANIÉLOU; MARROU, 1973, p. 408).

Fontes

JERÓNIMO, S. “Carta 22”. In: JERÓNIMO, S. *Cartas de San Jerónimo*. Vol. I. Edición bilingüe introducción, versión y notas por Daniel Ruiz Bueno. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1963, p. 153-207.

JERÓNIMO, S. “Carta 45”. In: JERÓNIMO, S. *Cartas de San Jerónimo*. Vol. I. Edición bilingüe introducción, versión y notas por Daniel Ruiz Bueno. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1963, p. 313-318.

Obras de apoio

BROWN, P. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CASQUEIRO, M. A.; CELESTINO, M. M. “Introducción” In: JERÓNIMO, S. *Obras Completas de San Jerónimo: tratados apologéticos*. vol. VIII. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2009, p. 13-121.

CHEVITARESE, A. L. *Cristianismos: questões e debates metodológicos*. Rio de Janeiro: Klinê, 2011.

DI BERARDINO, A. (Org.). *Dicionário Patrístico e de Antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002.

FITZGERALD, A. (ed.) *Diccionario de San Agustín*. Burgos: Monte Carmelo, 2001.

GONZÁLEZ SALINERO, R. Ocio y ascesis aristocrática: Jerónimo y su *lectio divina* en Roma (382-385). *Espacio, Tiempo y Forma*, Madrid, Serie II, Historia Antigua, t. 24, 2011, p. 543-562.

GÖSSMANN, E. et. al. (Org.). *Dicionário de teologia feminista*. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUILLEM, A. O. “Mujer, ascetismo e Iglesia en la Hispania del siglo IV”. In: GINER, C. A.; PASCUAL, M. T. (Eds.). *Actas del Segundo seminario de estudios sobre la Mujer en la Antigüedad*, Valencia: SEMA, 2000, p. 77-100.

INGLEBERT, H. “Antiquité Tardive”. In: DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P.; OFFENSTADT, N. (Dir.) *Historiographies, II: concepts et débats*. Paris: Gallimard, 2010, p. 967-972.

HUNTER, D. G. Rereading the Jovianianist Controversy: Asceticism and Clerical Authority in Late Ancient Christianity. *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, Duke, Volume 33, Number 3, Duke University, 2003, p. 453-470.

KELLY, J. N. D. *Jerome: His Life, Writings, and Controversies*. London: Duckworth, 1975.

MARCOS SANCHEZ, M. M. “Jerónimo de Estridón: Asceta, biblista y polemista”. In: SALVADOR VENTURA, F.; CASTILLO MALDONADO, P.; UBRIC RABANEDA, P.; QUIROGA PUERTAS, A. J. *Autoridad y Autoridades de la Iglesia Antigua: Homenaje al profesor José Fernández Ubiña*. Granada: La Madraza, 2017, p. 273-287.

MARCOS SANCHEZ, M. M. *Mulier Sancta et Uenerabilis, Mulier Ancilla Diaboli* en la correspondencia de San Jerónimo. *Studia Historica-Historia Antigua*, Salamanca, IV-V, 1987, p. 235-244.

MARROU, H. I. *Santo Agostinho e o agostinismo*. São Paulo: Agir, 1957.

MORENO, F. *San Jerónimo: la espiritualidade del desierto*. Madrid: BAC, 1986.

SALISBURY, J. E. *Encyclopedia of Women in the Ancient World*. Santa Barbara: ABCCLIO, 2001.

TORRES PRIETO, J. M. “A Historia de un monje hereje: Joviniano y el conflicto entre matrimonio y virgindade en el siglo IV”. In: MAR MARCOS, M. (Ed.). *Herejes en la Historia*. Madrid: Trotta, 2009, p. 49-75.

TORRES PRIETO, J. M. *Ars persuadendi: Estrategias retóricas en la polémica entre paganos y cristianos al final de la Antigüedad*. Santander: Universidad de Cantabria, 2013.

VEYNE, P. “O Império Romano”. In: ARIÈS, P.; DUBY (Dir.). *História da Vida Privada – do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 17-211.